CMP 2.1 7.206

FOLHA DE S. PAULO 6-XI-1981

Tendências / Debates

Os artigos publicados com assinatura dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Centenário dos dominicanos

TRISTÃO DE ATHAYDE

Não é de hoje a ojeriza contra os padres estrangeiros entre nós. O velho espírito ibérico do Padroado, isto é, da subordinação da Igreja ao Poder político, foi uma herança que o Império recebeu da Colônia e de que só nos libertamos com a República, ao separar a Igreja do Estado. Nosso clero, tanto secular como regular, era por isso mesmo tradicionalmente de origem portuguesa. Quando muito, por exceção, de origem espanhola, a partir de Anchieta. Com o liberalismo político imperial, outra ojeriza surgiu, a que se voltou contra as Ordens Religiosas (ressuscitando a que expulsara os jesuítas), a ponto de haver sido vedada, em 1850, a própria existência de seminários dessas Ordens. Daí, aliás, uma das origens da Questão Religiosa, a condenação de dom Vital, que abalou o próprio Império, em suas fundações político-religiosas. Quase ao fim do Império é que essa hostilidade às Ordens Religiosas e ao "padre estrangeiro" foi sendo aliviada. E hoje ressuscitada. Ainda assim por influência pessoal de Pedro 2.°, que, embora partidário do Padroado (como se revelou durante a Questão Religiosa, ao se opor pessoalmente à anistia de dom Vital, proposta por Caxias, como primeiro-ministro), era um espírito liberal e impregnado de cultura francesa. Foi assim que, graças a ele e à sua simpatia pelo grande dominicano francês Lacordaire, permitiu Pedro 2.° a vinda dos dominicanos franceses para o Brasil, em 1881, há precisamente um século. Eles chegaram imbuídos dos ideais reformadores de Lacordaire. E sua atuação em nosso meio, de 1881 a 1981, já passou por três fases: a inicial, com a ida direta aos sertões do Araguaia; a seguinte, ao passarem desses sertões aos salões intelectuais dos grandes centros; e a presente, com sua influência junto às Comunidades Eclesiais de Base, em que se destaca a figura singular de frei Beto (Carlos Alberto Cristo), cujos livros já correm mundo, traduzidos em várias línguas, junto a três bispos dominicanos também brasileiros, como dom Tomás Balbino, dom Estevão de Avelar e dom Alano Pena. Aliás, foi o próprio Lacordaire que conseguira vencer, em sua França natal ainda penetrada de jacobinismo, o interdito contra as Ordens Religiosas. É sabido o seu gesto patético, ao iniciar sua pregação inicial da Quaresma na multissecular catedral de Notre Dame de Paris, de ter subido ao púlpito, vestido com sua batina negra de padre secular e, com um gesto espetacular, desvesti-la e surgir afrontosamente com seu hábito branco de dominicano. Esse desafio público, ao preconceito e à rotina, em favor do espírito inovador de Montalembert, Lamenais, Ozanam e tantos outros contra o jacobinismo nacionalista (hoje renovado pelo totalitarismo fascista ou comunista e mesmo "democrata") nos valeu a primeira "abertura" de nossas fronteiras sacerdotais.

Essa chegada dos primeiros padres dominicanos, franceses e italianos, coincidiu com a vinda das religiosas educadoras francesas, expulsas de França pelo laicismo intolerante do "petit père Combes" e seus companheiros do radicalismo político laicista. Essas religiosas, especialmente de três congregações, Sion, Sacré Coeur e Assomption, vinham prosseguir e ampliar a obra das Ursulinas na Bahia, com uma considerável influência na alta sociedade nacional até recentemente. Quanto aos dominicanos, em vez de se fixarem nas grandes capitais, junto às altas camadas sociais, concentraram-se em Uberaba, na ponta do Triângulo Mineiro. Daí partiram para os ínvios sertões do Oeste e do Norte. Ainda está por ser escrita a epopéia missionária desses pioneiros nos seus três apostolados sucessivos, nos sertões, nas elites intelectuais e no povo das Comunidades de Base em plena expansão. Já é do meu próprio tempo de ação católica, depois de 1930, essa passagem à segunda etapa. Ainda me lembro de ter conversado, por volta de 1930, no salão da Nunciatura carioca, com uma das figuras mais admiráveis e representativas do renascimento católico francês desse início do século, após a revolução espiritual dos Léon Bloy e seus companheiros. Era o padre Alain du Noday, que havia trocado seu castelo bretão pelo hábito de S. Domingos e por cursos superiores do mais alto nível universitário, para se entregar, de corpo e alma, ao mandado de Cristo: ITE, a exemplo do seu santo compatriota o famoso Père de Foucauld nos desertos do Sahel. Du Noday escolheu as selvas brasileiras. Nessa simples conversa me contou que a tropa que conduzia sua magra bagagem já havia saído de Uberaba ao rumo de Conceição do Araguaia, quando recebeu a notícia de que Roma o havia nomeado bispo. E apontando para um canto do sofá, me disse: "C'est là que la tuile est tombée sur ma tête". Até hoje lá está no seu sublime apostolado sertanejo, pelo que me consta, pois conseguiu alcançar aquele ideal que um dia, nos Estados Unidos, Thomas Merton quis em vão alcançar, "desaparecer no anonimato dos sertões brasileiros". A telha de Du Noday era a mitra episcopal, que aliás nunca substituiu suas sandálias de missionário, tal e qual o nosso dom Pedro Casaldáliga, longe de suas plagas catalãs, mas no fundo de nossos corações brasileiros. Essa entrada dos filhos de São Tomás de Aquino em nossos sertões foi sucedida, como dissemos, por sua extensão aos meios universitários e sociais do Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Três deles se destacaram, desde logo, nessa segunda fase: frei Sala e frei Pedro Secondi no Rio e frei Tauzin em Belo Horizonte. Os dois primeiros foram co-fundadores do Instituto Católico de Estudos Superiores, raiz da futura Universidade Católica do Rio. Já por mais de uma vez me referi a uma frase do saudoso frei Sala, cujo humilde túmulo fui reverenciar em Toulouse, no ano de 1972, quando ali fui visitar Jacques Maritain. Quando em 1932, no Rio, hesitávamos em fundar o Instituto, dizia-nos Sala, de volta dos sertões: "Se não tivermos alunos, falaremos para as cadeiras"... Quanto a frei Pedro Secondi, que em 1931 deixara a Marinha, em França, como oficial graduado, para se fazer dominicano, veio a ser, como se sabe, um dos grandes mestres de filosofia, em nossos meios universitários, desde o mais puro tomismo até Teilhard de Chardin. Quantas futuras vocações religiosas (e quero referir-me particularmente à Irmã Emanuel de Souza e Silva, futura correspondente e tradutora de Thomas Merton, hoje beneditina em Petrópolis), quantas não devemos a esse grande missionário, abridor de campos de aviação em Conceição de Araguaia e de jovens e velhas inteligências brasileiras, nos campos da mais pura metafísica. Se somarmos essa dupla missão missionária, nos sertões e nos salões, à presente atuação de jovens dominicanos brasileiros, continuadores dos franceses do início do século, junto às Comunidades de Base do nosso povo do trabalho manual e da ascensão social das nossas massas operárias, teremos um quadro aproximado da imensa contribuição que esses filhos de S. Tomas de Aquino vieram prestar e continuarão a prestar, no futuro, à nossa cultura filosófica, religiosa e social. Não nos esqueçamos, igualmente, da esteira luminosa que o renascimento católico no início do século em França, nos tempos de Péguy e Léon Bloy, estendeu ao Brasil, pela passagem de Bernanos, durante a Segunda Grande Guerra, assim como pela influência do "humanismo integral" de Jacques Maritain em nossa geração na silenciosa revolução social que se vem processando entre nós desde 1930, tanto na mente das elites, como nos fatos das massas em movimento ascensional.

Na moderna história da Igreja, os dominicanos, outrora apodados de reacionários, por serem, com S. Domingos, os fundadores da Inquisição, são hoje fulminados de comunistas ou pelo menos de revolucionários, por aqueles que querem manter a Igreja na imobilidade de suas raízes e viram a cara, ostensivamente, à vitalidade dinâmica de seus ramos e de seus frutos, na transmutação universal de idéias e fatos, que estão agitando os continentes e onde esses filhos de S. Tomás de Aquino voltam a representar um dos elementos mais fecundos e atuais de vanguarda. A obra que esses "frades estrangeiros" vêm realizando, entre nós, se insere nesse movimento apostólico universal de sua Ordem, da Idade Média à Idade futura. Não é de espantar, portanto, que despertem ódios e incompreensões. Ainda agora dois missionários franceses estão presos e ameaçados de expulsão por se terem colocado ao lado dos oprimidos e desvalidos. "Que fizestes de vossa Mãe", apostrofava recentemente o Papa aos franceses, tradicionalmente conhecidos como "Fils ainés de l'Eglise". Poderiam responder filialmente, apontando apenas para sua obra no Brasil, tão silenciosa como profundamente apostólica: Isto.

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) é ensaísta, crítico literário e pensador católico, dos mais influentes de sua geração; foi reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia e autor de vasta obra.

Corpo e classe social no Brasil

ROSE MARIE MURARO

De que corpo necessita a atual sociedade para reproduzir-se? Não é o consenso das vontades nem o exercício do desejo que faz nascer o corpo social, mas, sim, a materialidade do poder se exercendo sobre os corpos dos indivíduos. Evidentemente, este poder se exerce de maneira diferente sobre os diversos grupos e classes para fazer funcionar a sociedade inteira.

Um pouco da "história do corpo" poderá fazer-nos melhor entender os mecanismos que esse poder faz funcionar. No século 19, nas primeiras etapas do capitalismo, em que a produção se organizava e se formavam os impérios econômicos, era fundamental para esse funcionamento um trabalho árduo e pouco gratificante. Os indivíduos e os seus corpos eram tratados de maneira rigidamente disciplinar. A sexualidade, na era vitoriana, mesmo nas classes dominantes, era reprimida e nitidamente controlada.

Na medida em que avança o capitalismo, e à sociedade de produção se sucede, por efeitos de acumulação, a sociedade de consumo, já é outro o tratamento que se dá ao corpo nos países desenvolvidos e nas classes dominantes dos países periféricos.

Agora a "política do corpo" não é mais o puritanismo nem os controles rígidos, mas, sim, a nudez, o erotismo e os novos padrões estéticos, essenciais para manter em funcionamento toda uma sociedade baseada no consumo. É produzido agora um saber que, por sua vez, produz um desejo adequado à intensificação do desejo do próprio corpo, para que se possa tornar possível a exploração econômica da erotização.

Mas, num país como o Brasil, em que é muito óbvia a estrutura de classes, se colocam questões específicas em relação ao corpo.

Há grandes faixas da população que não têm condições materiais de entrar na sociedade de consumo, por seus salários cada vez mais baixos, mas que entram no sistema da produção. Há, então, um outro tipo de corpo, que seria o complementar do primeiro. Ao corpo-para-o-consumo das classes superiores se opõe o corpo-para-a-produção das classes inferiores. Também dele, no atual estágio da economia brasileira, a sociedade necessita para poder funcionar. E a questão que se coloca é: como será esse corpo?

Tomemos como exemplo o caso da camponesa da Zona da Mata no Nordeste, onde o capitalismo avança sobre o campo em passos rápidos. Em pesquisa ainda em fase de conclusão, pudemos ver que a percepção/representação que esta mulher tem do seu corpo é a de um instrumento de trabalho. Em termos econômicos, elas são vítimas de uma tríplice opressão: fazem todo o trabalho doméstico (inclusive dando à luz um número elevado de filhos), trabalham no roçado, plantando o alimento que comem e ainda trabalham no corte da cana, onde nunca conseguem ganhar o mesmo salário que o homem.

Fisicamente são portadoras de doenças, algumas graves, sofrem de velhice precoce e raramente falam. Nesse contexto, a única coisa que reclamam do corpo é não serem suficientemente fortes para aguentar o trabalho e, no mais, têm que "gostar do corpo que a gente tem, porque é o único" ou "é o que Deus deu". Ora, este tipo de raciocínio indica uma total ausência de modelo corporal com o qual a pessoa possa se identificar.

Por que nessas mulheres é tão generalizada uma falta de ideal de ego e de um modelo corporal? Parte da resposta é dada pelo tipo de cuidado que a criança costuma receber na primeira infância. Se a mãe trabalha, as crianças são deixadas sozinhas, trancadas em casa ou com os irmãos mais velhos. Assim, muito rapidamente, é rompida nessas crianças a unidade mãe-filho, responsável pelo desenvolvimento da percepção do esquema corporal na criança, e, em última análise, de todo o seu psiquismo.

As necessidades de alimento e afeto dessas crianças, nas camadas economicamente mais esmagadas, não são satisfeitas quando se apresentam, mas, quando a mãe pode satisfazê-las. Como desde cedo os estímulos que a criança recebe não correspondem à sua demanda, ela vai se acostumando a ser passiva. Em muitos casos a falta de estímulo fixa a criança de uma maneira muito profunda às fases mais arcaicas do desenvolvimento físico e psíquico, onde ela tem que despender uma enorme soma de energia para poder sobreviver, e quando ela chega às etapas ulteriores do desenvolvimento, já vem prejudicada.

Isto nos ajuda a compreender um pouco melhor certas características próprias ao homem (e principalmente à mulher) do campo: a sua passividade, a capacidade de resistir estoicamente a enormes pressões do meio ambiente, a encarar a própria morte e a dos filhos como coisa natural, o seu "fatalismo", etc.

Na fala dessas mulheres — ao contrário da fala das burguesas e até das operárias — não aparece nenhuma emoção, mas, uma relação direta com o concreto, tomado como uma realidade contra a qual não se pode lutar. Uma realidade contra a qual não há saída.

Nesse nível, a realidade parece adquirir toda uma valoração diferente das outras classes sociais. Ora, isto implica um outro tipo de relação entre o psiquismo e a realidade que, a nosso ver, não são captados pelas ciências do comportamento. Estas parecem não ter categorias suficientes para analisar os pobres... da mesma forma que são também insuficientes para analisar a mulher, conforme há décadas vem sendo denunciado pelas correntes feministas.

A única diferença é que os pobres e inclusive as mulheres pobres, não têm voz sequer para se fazerem ouvir. O saber burguês, no qual se inserem largas faixas do saber científico, é produzido, em última análise, para reforçar a inserção destas classes superiores na realidade e, por isso mesmo, controlá-la melhor em seu favor. Creio que a única maneira de fazer emergir para dentro da consciência coletiva da nossa sociedade esse outro tipo de saber, um saber-em-silêncio dos pobres, é dar condições concretas para sua expressão.

Essas condições não se dão apenas no plano científico ou intelectual, mas, na militância prática, cotidiana de muitos no sentido da ruptura das estruturas e das instituições que os esmagam.

Só assim poderão aparecer em toda a concretude as relações que vinculam o corpo-para-o-consumo das camadas privilegiadas ao corpo-para-a-produção das camadas dominadas, uma vez que, expressas, poderão ser rompidas e com esta ruptura, toda a lógica enlouquecida que rege a vida de nós todos hoje.

Rose Marie Muraro é escritora e feminista. Foi chefe do departamento editorial da Editora "Vozes" e atualmente elabora pesquisa sobre Sexualidade e Classes Sociais no Brasil.